

## **ACORDA ALICE, ALUGA UM FILME PORNÔ – Uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA**

Helder Thiago Cordeiro Maia<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir do texto da teórica queer Beatriz Preciado sobre as relações de poder nos banheiros públicos, o artigo traça uma leitura dos recados deixados nas portas de banheiros masculinos em seis prédios da UFBA. Contrariando o que afirma a teórica, a divisão dicotômica entre mictórios e cabines fechadas não é suficiente para dar conta da realidade local, havendo um continuum entre esses espaços e não uma divisão estanque.

**Palavras-chave:** TEORIA QUEER – BANHEIROS – UFBA

Os banheiros públicos, como bem explica Beatriz Preciado em seu artigo “Basura y Género, Mear/Cagar. Masculino/Femenino”, são instituições que nasceram com a burguesia e se generalizaram a partir do século XIX na Europa. Eles, que foram pensados inicialmente como espaços de gestão de dejetos humanos, logo se converteram, no século XX, em cabines de vigilância de gênero.

Os corpos reconhecidos exclusivamente dentro de uma lógica dualista, homem e mulher, masculino e feminino, passam a adjetivar o espaço físico banheiro, assim como também os configuram, definindo formas arquitetônicas específicas para cada um dos gêneros. Os banheiros, assim, passam a avaliar a adequação dos corpos aos códigos vigentes da masculinidade e da feminilidade sob pena de agressões verbais e físicas.

O controle dos corpos ocorre antes mesmo de entrarmos em um banheiro. Já na porta somos questionados sobre o nosso gênero; não nos é perguntado se vamos mijar ou se vamos cagar, somos, sim, interpelados pelo nosso sexo/gênero: somos homens ou mulheres? Por isso, como argumenta Preciado, não entramos nos banheiros somente para eliminar dejetos, mas para reafirmarmos a adequação dos nossos gêneros.

Preciado, a partir dessas questões, faz uma arqueologia dos poderes que operam e controlam os banheiros masculinos e femininos. Para a autora, a feminilidade se produz a partir da subtração do olhar público de todas as funções fisiológicas, entretanto, o olhar público e a afirmação da feminilidade se realizam nos espelhos que

---

<sup>1</sup> Helder Thiago Cordeiro Maia é aluno de graduação do curso de Letras Vernáculas com Espanhol na Universidade Federal da Bahia, bolsista do programa PET-LETRAS, orientando da professora Milena Britto e pesquisador do grupo CUS (Cultura e Sexualidade), vinculado ao CULT. E-mail: helderthiagomaia@hotmail.com



servem, ao mesmo tempo, aos retoques de maquiagem e a vigilância dos corpos. Os banheiros masculinos, contudo, são diferentes, o olhar público se realiza nos espelhos, mas também, e principalmente, nos mictórios, onde os homens mijam uns ao lado dos outros, estando as cabines fechadas destinadas aos dejetos sólidos. Como a autora conclui, a masculinidade nos banheiros públicos depende de uma separação definitiva entre pênis e ânus, mas, ainda assim, segundo a autora, ao contrário dos banheiros femininos, os banheiros masculinos são um espaço propício a sociabilidade (nos mictórios) e a experimentação sexual (nas cabines).

Se o ato de mijar em pé com o pênis à vista pública afirma a masculinidade e cria uma sociabilidade, o ânus, ao contrário, é um potencializador homossexual e por isso está condenado ao âmbito da privacidade, conseqüentemente as cabines fechadas. A performatividade da identidade masculina, nos mictórios, realiza-se em um jogo de corpo que oscila entre a exibição e o ocultamento do pênis.

A partir dessas reflexões teóricas, surgiu a necessidade de se pensar esses espaços fechados dos banheiros masculinos. Desde já, faço pequenas delimitações no objeto-banheiro para pensar a realidade local da nossa universidade.

Delimitei, então, como campo de análise, deste artigo, os banheiros públicos masculinos de seis prédios da Universidade Federal da Bahia, por isso, ficam de fora deste os banheiros exclusivos de professores e funcionários e também os banheiros femininos de forma geral. A partir dessa delimitação, foram fotografadas todas as cabines públicas de banheiros desses seis prédios da UFBA no mês de novembro do ano de 2009.

Foram selecionados três prédios de circulação ampla, ou seja, prédios onde estudantes-funcionários-professores-visitantes de diversos cursos circulam, foram eles: o PAF I, a Biblioteca Central e o PAF III. Além disso, foram selecionados e fotografados todos os banheiros públicos do Instituto de Biologia, do Instituto de Letras e do prédio da Faculdade de Comunicação.

Logo após o recolhimento e as primeiras análises desses dados, ficou comprovado que essa divisão mictório-sociabilidade-masculinidade x cabine-experimentação sexual-tentação homossexual não é tão rígida como pensa a autora, já que os mictórios funcionam muitas vezes como locais de experimentação sexual e as cabines, que condenam a experimentação sexual ao espaço privado e distante do olhar público, funcionam também como um espaço de sociabilidade e também de diálogo como pretendo demonstrar neste artigo.

Uma rápida passada em qualquer um desses banheiros, principalmente nos de ampla circulação, nos revela uma infinidade de anúncios, reflexões e principalmente de diálogos fictícios e também reais. São estes pequenos textos, deixados nas portas desses banheiros, o objeto deste artigo, cuja finalidade é comprovar que essas cabines, ao contrário do que pensa Beatriz Preciado, estão carregadas de sociabilidade, mas também podem ser vistas como espaços de afirmação de masculinidade, principalmente através das mensagens homofóbicas.

Devido à grande quantidade de textos encontrados, separei-os em grandes blocos temáticos: homofobia-masculinidade, homofobia-religião, diálogos-encontros sexuais, desejo-heteronormatividade e outras mensagens.

## **HOMOFOBIA-MASCULINIDADE**

A masculinidade, entendida como um conjunto de atributos e condutas que funcionam no campo simbólico, estrutura e modela o que se entende como identidade masculina, tendo tradicionalmente como seus principais eixos: a heterossexualidade, a dominação, o poder e a idéia do homem como provedor.

Para teóricos como Woodward, Tadeu da Silva e Hall (2007), toda identidade é necessariamente relacional, sendo a diferença a marcação simbólica relativa à outra identidade. A marcação dessa diferença é, assim, crucial no processo de construção da identidade masculina heterossexual, já que ela depende da diferença para se afirmar. Ocorrendo dentro de um sistema classificatório e hierárquico, a diferença é construída negativamente por meio da exclusão ou da marginalização.

Como bem explica Butler (2003), todas as identidades funcionam por meio da exclusão, por meio da construção discursiva de um exterior constitutivo e da produção de sujeitos abjetos e marginalizados, aparentemente fora do campo simbólico do representável.

São através desses dualismos que os gays são construídos normalmente como os outros, são aquilo que os homens heterossexuais não são. Dessa forma, de modo geral, o homem heterossexual constrói posições-de-sujeito para homossexuais tomando a si próprio como referenciais, utilizando a naturalização e a reificação da heterossexualidade para tornar outros corpos e práticas abjetos.

É dentro dessa lógica de deslegitimação que circulam os discursos e as práticas homofóbicas, já que, ao afirmar, a primazia da identidade masculina e heterossexual coloca-se em oposição os homossexuais como identidades e práticas desvalorizadas. A

repetição de práticas e de discursos homofóbicos podem, assim, ser tomados como construtores da masculinidade tradicional.

Dessa forma, contrariando o que imagina Beatriz Preciado, as cabines de banheiros funcionam através dos textos homofóbicos que circulam em suas portas como um espaço, ainda que fechado ao olhar público, construtor da identidade masculina e, conseqüentemente, da masculinidade.

Transcrevo abaixo alguns desses discursos que foram encontrados nos banheiros da UFBA:

- a) “os iguais se repelem seus viadinhos”
- b) “morte aos viados / esses disimadores de AIDS”
- c) “Homossexual é pior que cavalo, pois pelo menos esse animal pensa!!!”
- d) “Morte aos gays! Filhos de Hitler”
- e) “VIADOS UMA PRAGA!!!”
- f) “Bando de viado da desgraça”
- g) “Todo viado é falso! Sumam viados”
- h) “Vão se foder todos os viados. A vantagem é que eu como as mulheres que vocês não pegam”
- i) “Gostamos de comer é isso aí das meninas (seta apontando para o ânus de uma mulher desenhada na porta). PORRRAAA!!! NÃO DE GAYS”
- j) “Esses caras tão por fora, vamos lascas essas vadias filhinas de papai que estudam aqui”
- k) “NÃO GOSTAMOS DE GAY PORRRAAA!!! Só de cuzinho de meninas”
- l) “ISTO É UMA DEGRADAÇÃO!!!”
- m) “Só de olhar homem já dá náuseas, e vcs querem rola!!! Tomem vergonha, seus viados discarados”
- n) “Chupar uma buceta! Isso que é bom!”
- o) “Porque aqui todos os homens são gays?”
- p) “Só tem viado nessa por(r)a? Puta que pariu eu quero xoxota!”

## **HOMOFOBIA-RELIGIÃO**

Segundo Hall (2006), as identidades têm sido extensamente questionadas e discutidas na teoria social e nas ciências humanas, vivemos o que o autor denomina de uma crise de identidade. Nesse processo, as identidades estão sendo descentradas ou

fragmentadas. Para o autor, a identidade seria algo formado, ao longo do tempo, através de processos conscientes e inconscientes.

Na contramão de tudo isso está a visão das religiões de base cristã que através de um discurso ahistórico e mítico pretende manter posições identitárias inabaláveis, mantendo uma fantasia de identidades estáveis ancoradas num discurso de fé. Dentro dessa lógica, como esclarece Hall, as identidades seriam algo existente na consciência dos indivíduos desde o seu nascimento.

Assim, para a visão religiosa cristã, baseada nas tradições, os papéis de homens e mulheres estão definidos segundo uma origem divina. Há, conseqüentemente, um apelo a uma verdade mítica e biológica amparada em textos religiosos. Essa mesma tradição se sustenta e se afirma dentro de uma lógica da heterossexualidade compulsória, ou seja, não existem possibilidades afetivas-sexuais fora da heterossexualidade, sendo consideradas como desviantes e abjetos qualquer outro tipo de prática fora desse esquema normativo-obrigatório. Nesse discurso, a heterossexualidade é a norma de origem divina e a homossexualidade é o abjeto que tem relações com o diabo, com a morte e com a AIDS.

Vale lembrar o que diz Butler (2008, p. 150) sobre as relações entre homossexualidade e morte:

“Evidentemente, os discursos homofóbicos que entendem a AIDS como o resultado da homossexualidade antes que como o resultado do intercambio de fluidos, exploram e fortalecem essa metáfora já circulante da homossexualidade apresentada como uma espécie de morte social e psíquica”.<sup>2</sup>

Essa situação termina por instaurar, quase sempre, situações de intolerância, já que questionar os papéis definidos e estabilizados na tradição acarretariam necessariamente na perda de prestígio do homem heterossexual. Ainda que, segundo Halperin (2007), os discursos homofóbicos não tenham um conteúdo estável, a intolerância de base cristã pode ser entendida como a principal fonte desses discursos.

Dentro dessa perspectiva é que encontramos uma série de mensagens que apelam para a aberração das práticas homossexuais, conforme podemos constatar nos textos transcritos abaixo que foram encontrados nos banheiros:

- a) “Deus criou o macho e a fêmea. Se vc sente atração por pessoas do mesmo sexo que o seu (homem com homem) pois estamos no banheiro masculino (macho). CERTAMENTE, você tem um problema”

---

<sup>2</sup> Tradução própria a partir do original em espanhol.

- b) “O dia do juízo está próximo. Todos irão prestar conta a Deus, os grandes e os pequenos atos. Jesus está voltando”
- c) “E o livre arbítrio Deus deixou ao ser humano. Para isso, para que ele possa escolher qual o caminho quer seguir, o da vida ou da morte!!! Pensem nisso!!!”
- d) “Fora os pederastas sodomitas e afemenados”

Porém, o discurso de intolerância não é apenas dirigido às práticas sexuais consideradas desviantes, ele também se volta para outras religiões, principalmente as de origem africanas, como podemos constatar pela mensagem abaixo:

- e) “Brinque com, Oxossi, Obaloaê, Exú, Iemanjá, o Diabo, enfim. Todo esse bando de derrotados. Mas não brinquem com Deus.”

Contudo, esses discursos homofóbicos e de intolerância religiosa obtêm respostas de outros usuários desses banheiros, às vezes em tom de deboche “Jesus é viado”, às vezes em tom de denúncia “Isto é intolerância religiosa”, mas também há a contestação dessa ordem religiosa em frases como “Deus não existe”. O fato de esses discursos serem contestados afirma a presença de diálogo entre os frequentadores e afirma as cabines como um lugar de sociabilidade-masculinidade e não só de experimentação sexual.

## **DIÁLOGOS-ENCONTROS SEXUAIS**

Uma visão dicotômica, como sugere Preciado, não é suficiente para dar conta das performatividades nos banheiros masculinos. Os mictórios, assim como as cabines fechadas, são espaços de experimentação sexual e também de afirmação da masculinidade como ficou demonstrado acima.

Os diálogos encontrados nas portas dos banheiros, ainda que alguns sejam fictícios, escritos que obtêm respostas a posteriori, podem também serem reais, ocorrendo encontros quase sempre sexuais nesses mesmos locais, como ficou relatado em alguns desses textos.

Os diálogos que transcrevo abaixo dão conta de diálogos fictícios que ocorrem nesses banheiros, quase sempre nesses recados existem espaços para serem preenchidos com informações de outros usuários que devem completar os recados para que se realizem os encontros, assim como há também normas de condutas para que se realizem esses encontros, como bater duas ou três vezes na porta. Optei por não transcrever dados como e-mails e telefones.

- a) “Alguém afim em 2009? Deixe email: 20 anos. 19cm. Saradinho. Branco”. No campo reservado para o e-mail foram deixados três contatos de outros usuários.

- b) “Quero comer cu de viado. xxxx@hotmail.com”. Foi deixado um e-mail como resposta ao anúncio.
- c) “Meu cú é apertadinho. Quero rola. XXXX-XXXX”. Foi deixado um e-mail como resposta ao anúncio.
- d) “Estou aqui toda segunda e quarta. Passo por aqui às 17:30hs. Se quiser bater na porta 2 vezes. Gustavo, 14/04/08”. A resposta para esse anúncio foi: “Estive aqui e você não estava. 28/04/08 17:40”. Há ainda mais duas outras respostas: “Vc é mentiroso!!! 18/06/08” e “Semana que vem eu volto! Você chupou meu cacete como uma puta! Safado gostoso!”. Esse último recado é também real, já que afirma a presença de relações sexuais nesse espaço.
- e) “2009.1 Chegou! Quero que vc chupe meu pau! Deixe horário ou contato:” Um telefone foi deixado como resposta. Logo em seguida, encontramos a mensagem “Só dá ocupado”, a partir dessa afirmação outros dois telefones foram deixados.
- f) “Sou curioso. Quero dar o cú. Deixem contato 29/09/09”. Um e-mail foi deixado como resposta.
- g) “Quem quiser ser chupado dia de quinta às 10:00 hs aqui 2009.2 05/10/09”. A resposta foi: “Qual o tel?”
- h) “Moro com amigo aqui perto e topamos sexo a 3! Mande e-mail: xxxxx@hotmail.com. 02/09/09”.
- i) “21 cm de pura delícia. xxxxx@hotmail.com 14/05/09 aqui às 8:00hs nesse box lhe espero”. Foi deixado um e-mail como resposta.
- j) “Vamos movimentar (16/03/09). Marque aqui dia e horário que você costuma entrar nesse box:” e como complemento “Senha bater 3x na porta”. As respostas foram: “Segunda – 13:30 Quarta - 13:30 (18/03) Sexta – 13:30 (27/03/09)”.
- k) “Quero mamar num pauzudo. Alan xxxx-xxxx. 05/11/2007”. Resposta: “Sou pauzudo e quero ser mamado”. Resposta: “Então vamos marcar. xxxx@hotmail.com”. Resposta: “Só marcar dia e hora:” Resposta: “14/05/09 às 08:00hs aqui”.
- l) “Sou moreno, 1,65m, 61kg, cabelos e olhos pretos, 17cm de pica. Curto uma punheta a dois. Estou aqui toda sexta-feira às 18:00 hs. Bata na porta com dois toques”. Foram deixados como resposta duas datas e um nome.
- m) “Afirm de putaria? Coloca aki o dia e hora e pronto. Toda terça 9:00 às 10:00. Quarta 12:00. Tô ai na porta”

Porém, há textos que também indicam e relatam esses encontros:

- a) “Semana que vem eu volto! Você chupou meu cacete como uma puta! Safado gostoso!”.
- b) “Comi um viado e ele cagou no meo pau”.
- c) “Dei o cú (cu) hoje, fui cagar e saiu sangue, sou o homem que não foge, de homem com pênis grande. Dr Marcos”.
- d) “Alguém chupou minha rola no SMURB. Lá é massa. Querendo é só marcar. Deixe tel:”

Há também nesses locais espaços para pesquisas informais, como por exemplo:

- a) “Pesquisa: O que vc (gay) estuda aqui?” Respostas: “Letras”, “Química”, “Estatística”, “Comunicação”, “Farmácia”.

Assim, os diálogos, que tem o corpo quase sempre como propulsor, quase sempre em forma de anúncios, são uma prova tanto da sociabilidade nesses espaços quanto da experimentação sexual.

## **DESEJO-HETERONORMATIVIDADE**

Na nossa sociedade, a norma compulsória é a heterossexualidade, construída e não problematizada nos discursos, sejam eles médicos, sociológicos ou religiosos. É, assim, que a heterossexualidade compulsória funda a heteronormatividade e, conseqüentemente, padrões normativos de performance. Dessa forma, a heteronormatividade pode ser entendida como o padrão de normalidade e de comportamento legítimo imposto aos indivíduos e aos corpos, tendo como modelo as relações monogâmicas heterossexuais.

São através desses discursos que se introduzem, no corpo e na performatividade não heterossexual, padrões de comportamento com bases heterossexuais, definindo normas de comportamentos semelhantes ao padrão hetero, cabendo, por exemplo, a um dos parceiros a posição de ativo e macho da relação e ao outro parceiro a posição de passivo e fêmea.

Os gays não estão dessa forma livres das imposições performativas de heteros, ao contrário eles assumem quase sempre esse papéis como forma de repetir padrões aceitos e legitimados socialmente, ou seja, a heteronormatividade reintroduz a homossexualidade na normalidade geral das relações sociais.

A maior parte desses diálogos encontrados nas portas dos banheiros estão dentro dessa lógica heteronormativa, há uma espécie de encantamento dos indivíduos por um corpo que se aproxime do padrão heterossexual. Através desses anúncios percebemos

uma valorização excessiva de uma performatividade masculina tradicional, na qual são valorizadas características como a força e a não afetação, desvalorizando, em consequência, performatividades mais associadas ao feminino, como por exemplo, a afetação, entendida como uma certa docilidade performática.

São alguns exemplos disso, os textos abaixo:

- a) “Quero um broder malhadinho, gostoso, bonito, super ativo e com um pau bem grosso. Sou bonito, gostoso, malhado (corpo bem definido – surfista). Deixa algum recado aí véi”. A impossibilidade desse corpo e dessa performatividade marcada por características heterossexuais leva à resposta que dá título a este artigo: “Pq vc não aluga um FILME PORNÔ? NÃO ACHA QUE TÁ PEDINDO MUITO NÃO? SONHA, ALICE!!! há há há”.
- b) “surfista gatinho, olhos verdes, estudante de biologia (xxxx@yahoo.com.br). manda um e-mail logo. só os bonitos, gostosinhos e másculos e ativos.”
- c) “tel: xxxx-xxxx. Márcio. Versátil e tradicional”
- d) “Quero um broder bem gostoso, malhadinho, bonito, super ativo, bem macho, do pau bem grosso que queira fuder um outro broder bem macho, malhadinho (surfista), bonito e bem gostoso. Estudo no Instituto de Biologia”.
- e) “Não afem. gosta de chupa pica. Lig xxxx-xxxx. 16.09”
- f) “Procuro rapazes não afeminados, discretos, que estejam afim de algo legal... xxxx@bol.com.br”.
- g) “Sacanagem real com local p/ ativos. Deixe email:”
- h) “Passiva. Adoro rola. xxxx-xxxx. Carlos”.
- i) “Branco e gato. Chupo e dou o cú para machos. Aqui toda sexta depois das 10:00. Deixe recado”.

A lógica do armário/closet também figura nesses textos, por isso uma grande quantidade deles apela para uma descrição performativa e também uma descrição quanto às experimentações sexuais. Por exemplo:

- a) “Adoro comer cú 18 a 23 anos em segredo. Deixe seu recado”.
- b) “MACHO QUER MACHO. xxxx-xxxx. 2009.2”
- c) “Procuro passivo discreto e bonito. xxxx-xxxx. xxxxx@hotmail.com”

Porém, nem todos esses discursos operam dentro de uma lógica exclusivamente heteronormativa, há sempre aqueles que escapam em alguma medida a esses papéis, ainda que sejam poucos, esses recados parecem potencializar os corpos através de práticas sexuais não tradicionais em casais heterossexuais, por exemplo:

- a) “Curto meter mão em cuzão guloso. Meu email é: xxxx@hotmail.com. 10.09.09”
- b) “P/ ativos. Sexo a 3 c/ local e DP!!! Mandem ou deixem email: xxxx@hotmail.com”. Por DP entende-se dupla penetração.

A prática sexual que foge da heteronormatividade, não necessariamente foge performativamente dela, como se pode ver na última mensagem. Vale esclarecer, que o sexo anal, por si só, também é uma prática tradicionalmente não associada a heterossexuais.

### **OUTRAS MENSAGENS**

Como curiosidade, destaco algumas outras mensagens que considero importantes para possibilitar um quadro geral das mensagens encontradas, por exemplo:

- a) “ATENÇÃO!!! É TERMINANTEMENTE PROIBIDO ESCREVER NESTA PORTA!” Resposta: “VÁ SE FODER!!!”
- b) “Os seguranças daqui deveriam pegar mais no pau!”
- c) “Pq ninguém coloca tel. fixo? Ninguém pode tá ligando p/ cel não mermão!”
- d) “Em terra de passivas, quem tem 1 pau é Rei!!!”

### **FECHANDO A PORTA...**

A partir de tudo o que foi exposto neste artigo, fica claro que a divisão dicotomizada entre mictório e cabine não é suficiente para dar conta da realidade local, já que tanto os espaços fechados quanto os espaços abertos ao olhar público são, de formas diferentes, espaços de sociabilidade, de afirmação da masculinidade e também espaços de experimentação sexual.

Porém, ainda que os banheiros se configurem como espaços marginais de experimentação sexual, onde se poderiam imaginar práticas mais variadas e quiçá corpos pluri-sexualizados, percebe-se fortemente a potência normativa e regulatória da heterossexualidade, lei que rege hegemonicamente corpos, desejos e práticas.

Se para Foucault, como nos lembra Halperin (2007), a homossexualidade era uma oportunidade histórica de deslocar novas potencialidades relacionais e afetivas, o que foi encontrado nesses textos revela mais uma tentativa de adequação as normas aceitas e legitimadas socialmente do que uma fuga a essas estruturas.

Por fim, esclareço que outras leituras devem ser feitas a partir de outras relações, por exemplo, relações entre desejo e raça, apesar de não terem sido tratadas aqui, tem presença significativa nesses recados.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cuerpos que importam*: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires, Paidós, 2008.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALPERIN, David. San Foucault. Para uma hagiografia gay. Buenos Aires: Ediciones Literales, 2007.

PRECIADO, Beatriz. Basura y Género, Mear/Cagar. Masculino/Femenino. Bilbao: Amasté, 2002.

WOODWARD, Kathryn; TADEU DA SILVA, Tomaz; HALL, Stuart. Identidade e Diferença. Petrópolis: Vozes, 2007.